



Considerações sobre variação
e sinonímia
na constituição de terminologias

Enilde Faulstich,
Universidade de Brasília.

Resumo

A polifuncionalidade da unidade lexical, no discurso científico ou no discurso técnico, pode produzir mais de um registro ou mais de um conceito para o termo. As unidades múltiplas são comumente interpretadas como sinônimos. É preciso, contudo, distinguir, nesse universo, pelo menos dois tipos de categorias: a das variantes e a dos sinônimos. Se toda sinonímia é interpretada como variação, nem toda variação produz sinônimos. Como produto de variação, as variantes classificam-se de acordo com sua natureza lingüística. O estudo destes fenômenos é tarefa da socioterminologia, cujo estatuto fica assegurado pelas variantes terminológicas que ocorrem, de maneira intrínseca, nos planos vertical, horizontal e temporal da língua, e não pelas equivalências deliberadas que se multiplicam na denominação das coisas.

Parte I. A variação nas linguagens de especialidade

Afirma o escritor argentino Ernesto Sábato que:

"As únicas línguas estáveis são as línguas mortas porque as línguas vivas estão em um processo permanente de transformação onde todas as normas acabam por ser violadas, a começar por aquelas da lógica. Não é possível falar de lógica e de razão quando o homem é um conglomerado irracional de sentimentos, de sonhos, de fantasias..."

A expressão filosófico-literária de Sábato guarda o sentimento lingüístico da mudança que ocorre em todas as línguas. Para que haja mudança, é preciso que ocorra, antes, variação uma vez que esta é "inerente ao sistema lingüístico" (Scherre, 1996:39).

Para que se discutam padrões socioterminológicos existentes na funcionalidade da terminologia das línguas de especialidade, é preciso, antes de tudo, reconhecer esses padrões de acordo com uma metodologia lingüística que afaste o estudo da terminologia do padrão prescritivista, até então método preferido na descrição terminológica. Nesses termos, o modelo mais adequado é o funcionalismo lingüístico cuja abordagem é orientada para os fenômenos lingüísticos em si. Essa perspectiva tem como objeto científico descrever e explicar os próprios fenômenos lingüísticos, trabalho a ser feito pelo pesquisador variacionista.

Assim, para Scherre "cabe ao pesquisador variacionista identificar os fenômenos lingüísticos variáveis de uma dada língua, inventariar suas variantes, levantar hipóteses que dêem conta das tendências sistemáticas da variação lingüística, operacionalizar as hipóteses através das variáveis independentes ou grupos de fatores de natureza lingüística e não lingüística, identificar, levantar e codificar os dados relevantes, submetê-los a tratamento estatístico adequado e interpretar os resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas. E continua a sociolingüista: "os

fenômenos lingüísticos variáveis, aqueles expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza lingüística e não lingüística.

Esta postura científica para a pesquisa sociolingüística é perfeitamente ajustável à análise que se pretende estabelecer para os padrões socioterminológicos que tem como corpora as linguagens de especialidade. Nesse sentido, o modelo sociolingüístico funcionará como um guia para o exame da funcionalidade dos termos dentro do contexto apropriado. Nossa expectativa é a de ampliar a metodologia que já criamos para a pesquisa socioterminológica e de fixar uma metodologia variacionista para a análise de terminologias científica e técnica. Para isso, os papéis desempenhados pelo pesquisador variacionista serão utilizados neste trabalho desde que respondam aos princípios básicos exigidos pela descrição, pela análise e pela sistematização de terminologias.

Em terminologia, os fenômenos lingüísticos variáveis ocorrem no sistema interno das linguagens de especialidade. Somente na dimensão vocabular de um corpus específico é possível avaliar o que varia e como varia. O que varia é a forma lingüística do termo e, para responder como varia, deve-se proceder à análise dos fenômenos que provocam a diversidade, à luz dos critérios lingüísticos inerentes à qualquer língua.

Por outro lado, é preciso verificar se a proposição de que na língua geral a variação pode conduzir a uma mudança é verdadeira para as línguas de especialidade. De início, pode-se dizer que, como fruto de observação, a ocorrência de dois ou mais termos, em corpora de especialidade, é marcada por uma convivência que não prenuncia substituição de um termo por outro. Assim, lipoestático ou lipostático, da área médica, concorrem na linguagem sem que um seja melhor que outro sob o ponto de vista do uso da língua.

Para proceder à identificação dos fenômenos lingüísticos variáveis e inventariar as variantes, estabeleceram-se critérios de sistematização das variantes terminológicas.

Estas variantes são divididas em dois grandes grupos: I. Variantes lingüísticas em que o processo determina a classificação e II. Variantes de registro, determinadas pelo ambiente de ocorrência, se no plano horizontal da língua, se no plano vertical, se no plano temporal da língua.

As variantes lingüísticas subdividem-se, de acordo com o processo de formação, em 1) variante terminológica morfossintática, 2) variante terminológica lexical e 3) variante terminológica gráfica.

As variantes de registro são as que ocorrem 1) no plano horizontal da língua - variante terminológica geográfica; 2) as que ocorrem no plano vertical da língua - variante terminológica de discurso e 3) as variantes que mudam na linha do tempo em que o discurso foi criado, variante terminológica temporal.

1 Variantes lingüísticas

As variantes lingüísticas apresentam entre si alguma diferença de formação do termo em uso, seja na língua escrita, seja na língua oral. De acordo com o processo de formação, estas variantes apresentam-se da seguinte maneira.

1) Variante terminológica morfossintática, aquela que apresenta alternância de estruturas de ordem morfológica e sintática na constituição do termo sem que o conceito se altere, como em *lombo-d'acém* e *lombinho-do-acém* (Pccb, 1995). A variação se apresenta em um dos formantes do termo, normalmente no sufixo.

2) Variante terminológica lexical, em que a forma do item lexical sofre comutação, mas o conceito do termo se mantém intato, tais como, i) *pressão seletiva* e *pressão de seleção* (Tmgf, 1982) ; ii) *atentado violento ao pudor* e *atentado ao pudor*, da área do direito penal.

Em 1), a variação se processa na substituição de uma parte do item terminológico, resgatando do léxico da língua estrutura semelhante. Assim, o adjetivo se expande em locução adjetiva, formada de preposição mais adjetivo, ou o contrário, a locução se reduz a um adjetivo; ambos têm a função de predicar a base. No exemplo 2), o apagamento de um dos elementos de predicação reduz a extensão do termo, mas não simplifica o significado porque a base guarda o conceito inerente ao termo naquele contexto, como em *melhoramento genético florestal* e *melhoramento florestal*.

3) Variante terminológica gráfica, a que se apresenta sob a forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua. Servem de exemplo *pólen* e *polem*, na linguagem da botânica. Este tipo de variação atua diretamente na forma de registrar o termo e pode resultar ou de dúvida no registro de formas com estruturas silábicas complexas, como *pólen* e *polem*, ou do registro de formas decalcadas da fala, como *estrupe* e *estrupro* para *estupro*, termo da área de direito penal cujas variantes são de grande ocorrência na linguagem do noticiário policial, ou mesmo simples alteração gráfica na forma do registro do termo como em (o) *gameta* e (o) *gameto*.

2. Variantes de registro

Estas variantes ocorrem em, pelo menos, três planos distintos da língua e têm por base o uso efetivo do termo num discurso de linguagem de especialidade. Classificam-se da seguinte maneira.

1) Variante terminológica geográfica, aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Pode decorrer de polarização de comunidades lingüísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais ou de influências que cada região sofreu durante sua formação. Servem de exemplos os termos da linguagem médica *caxumba*, usado

no centro-oeste, sudeste e sul do Brasil e papeira, usado no norte e nordeste do Brasil, assim como em Portugal. Outros exemplos de termos da área de legumes: aipim, usado no sudeste e sul do Brasil, macaxeira e mandioca, usados no centro-oeste, norte e nordeste do Brasil.

2) Variante terminológica de discurso, a que decorre da sintonia que se estabelece entre elaborador e usuários de textos mais formais ou menos formais. É um tipo de variação que ocorre no plano vertical do discurso de especialidade. Citem-se como exemplos, parotidite epidêmica, termo específico do discurso científico, da área de medicina; junta de descarga, termo próprio do discurso técnico, da área de mecânica de automóveis; planta de proveta, termo próprio do discurso de vulgarização da informação científica, da área de melhoramento genético de plantas.

3) Variante terminológica temporal, aquela que se concretiza como mudança num discurso escrito em épocas diferentes sobre um mesmo assunto. Normalmente concorrem, durante certo tempo, na linguagem de especialidade como forma X e forma Y (a estabelecida e a nova) até que a forma de maior frequência, quase sempre a Y, se fixe naquele discurso. São exemplos os termos da área de biologia macrogameta substituído por gameta feminino e microgameta substituído por gameta masculino, no discurso do melhoramento genético de plantas.

Parte II. Acerca da sinonímia nas linguagens de especialidade

No uso de terminologias, identifica-se que para um termo pode haver mais de um conceito e que para um mesmo conceito pode haver termos coocorrentes. Entende-se que formas em coocorrência são as que têm presença simultânea de duas ou mais formas determinadas, em textos que tratam de assunto da mesma natureza. Assim, no discurso da citologia, cariocinese e mitose significam, ambos os termos, divisão celular em que o núcleo forma cromossomos.

Para Auger (1993), a aceitação da variação lingüística decorre do gerenciamento da sinonímia dentro da língua, uma vez que ambas dependem de referências socioculturais. Como ultimamente os estudos de terminologia lingüística são feitos em textos das linguagens de especialidade, a sinonímia, antes rejeitada no espaço da análise terminológica, passa a desempenhar uma função específica nessas pesquisas, a de melhorá-las porque permite compreensão da língua e da linguagem em sua própria estrutura.

No entender de Duquet-Picard (1986), existe sinonímia terminológica quando, em uma mesma língua, duas ou mais denominações de forma diferente exprimem uma só noção no interior de uma rede nocional determinada. Sob a perspectiva conceptual, esta definição satisfaz a compreensão do que é sinonímia terminológica, porque fixa uma diferença entre sinonímia e variante terminológica.

Ampliando ainda mais o conceito de sinonímia terminológica, pode-se formular uma definição, qual seja: "relação de sentido entre dois ou mais termos cujo significado é idêntico, podendo coocorrer num mesmo contexto, sem que haja

alteração no significado textual e discursivo". Para distingui-la de variante, pode-se formular a seguinte definição para variante terminológica: "forma lingüística ou forma exclusiva de registro que corresponde a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente, podendo concorrer num contexto determinado". Uma variante terminológica equivale a um alotermo, tese defendida por Faulstich em 1987.

Tanto quanto as variantes, a sinonímia também apresenta uma classificação específica, assunto que na semântica onomasiológica é mais fácil de delimitar do que na semasiológica por causa do embricamento excessivo que ocorre na língua geral entre sinonímia, polissemia e homonímia. Embora este mesmo conflito também ocorra nas linguagens de especialidade, esta é mais fácil de ter o léxico terminológico controlado por causa da própria origem do corpus: quanto mais a linguagem é científica, mais ela é universal e formal, apresentando, por consequência, menor grau de variação; se for técnica, será menos formal e mais sociocultural, tendendo a apresentar mais variação; quanto mais vulgarizada, menos formal será e mais variação apresentará, já que visa a uma situação de comunicação em que o usuário é dotado de menor memória técnica.

No trabalho realizado por Café, que adota os princípios de socioterminologia e de etnografia para a análise da rede terminológica de patogenicidade, virulência, agressividade e adaptabilidade do parasita, a pesquisadora não encontrou nesse universo nenhuma variante e nenhum sinônimo. Por sua vez, Valente, na análise e descrição de termos da área de eletrônica, registra para canhão eletrônico a variante morfossintática canhão de elétrons e o sinônimo disparador eletrônico.

Conclusão

Para finalizar, pode-se dizer que o estudo da variação terminológica, sob o ponto de vista funcional, deve considerar as diferenças semânticas entre as variantes, em suas diversas feições, e a sinonímia. Trata-se de um estudo que estamos levando adiante em nosso quadro de pesquisas por acreditar que a terminologia das linguagens científica e técnica está fundamentada nos usos dos diversos interlocutores e em suas experiências quotidianas.